

Prémio Camões 2013

mia  
couto

tradutor de chuvas

Poesia

2.<sup>a</sup> edição

CAMINHO



## CORES DE PARTO

O que eu vi,  
à nascença, foi o céu.

No rasgão da retina,  
a desatada luz: o meu segundo oceano.

Aprendi a ser cego  
antes de, em linha e cor,  
o mundo se revelar.

O que depois vi,  
ainda sem saber que via,  
foram as mãos.

Parteiros gestos  
me ensinaram quanto,  
das mãos,  
a vida inteira vamos nascendo.

As mãos foram,  
assim, o meu segundo ventre.

Luz e mãos  
moldaram a impossível fronteira  
entre oceano e ventre.

Luz e mãos  
me consolaram  
da incurável solidão de ter nascido.

## SAUDADE

Que saudade  
tenho de nascer.

Nostalgia  
de esperar por um nome  
como quem volta  
à casa que nunca ninguém habitou.

*Não precisas da vida, poeta.*  
Assim falava a avó.

*Deus vive por nós, sentenciava.*

E regressava às orações.

A casa voltava  
ao ventre do silêncio  
e dava vontade de nascer.

Que saudade  
tenho de Deus.

## IGNORÂNCIAS PATERNAS

Altas horas,  
já secos cuspos e copos,  
meu pai dizia:  
*vou reparar o teto.*

E saía, para além da noite,  
por interditos caminhos.

Minha mãe  
retorcia a alma  
nas magras mãos.

No peito, não no ventre,  
a mãe vai gerando filhos.

Por trás dos cortinados,  
seu olhar se desfiava  
no longo rosário da espera.

Cegos para as suas fadigas  
nós, os filhos,  
pedíamos que nos alonjasse o medo.

E a voz dela acontecia  
como inundação do rio:  
lavando águas e tristezas.

*Pobre do vosso pai*, suspirava.  
Que pena ela dele sentia  
que, no escuro, em vão procurava.

A nossa casa, de tão alta,  
não poderia nunca ter telhado.

Filhos deitados,  
medos dormindo:  
antes do meu pai regressar  
já minha mãe  
tinha reparado  
as telhas todas do mundo.

## CLANDESTINO

Na penumbra da tarde,  
o mundo morto,  
a meu passo, despertava.

Não era o amor  
que eu procurava.  
Buscava o amar.

Na casa em ruínas,  
te despias  
para que me deixasse cegar.

Voz transpirada,  
suplicavas que te chamasse no escuro.

Em ti, porém,  
eu amava  
quem não tem nome.

Na casa arruinada  
te amei e te perdi  
como a ave que voa  
apenas para voltar a ter corpo.

Na penumbra da tarde,  
tu me ensinaste a nascer.

Na noturna claridade  
me esqueci  
que nunca havias nascido.

## VERNIZ

No degrau da rua,  
a moça pinta as unhas.

Dobrado em lua,  
seu corpo tem a delicada intenção do ourives:  
na decimal tela das mãos  
inventa lábios  
que o destino virá beijar.

Fadigosa obra,  
tão incontáveis os dedos da vaidade.

A moça demora-se  
mais que a derradeira luz  
e as velhas passam e benzem-se,  
limpando lembranças  
de suas primeiras mãos.

Afinal, não é o corpo  
o que a menina pinta.

O verniz vermelho,  
como salpicados coágulos,  
lhe amortalha o gesto.

Debaixo da tinta  
uma morte se oculta:  
a sua,  
de menina tão menina  
que nem precisava de ser linda.

## TESTAMENTO DA MULHER SUSPENSA

Eis o que vos deixo:  
um leve gosto  
de renascer lembrada.

E um falso desejo de ser esquecida.

Que eu virei  
buscar a espuma da onda  
que ficou para sempre por quebrar.

Beleza não me bastou:  
o que quis ser  
foram cetins de fogo,  
pétalas de cinza depois do abraço.

Nem flor invejei:  
o que mais ilumina  
vem de um oceano escuro.